

Luciana de Mesquita Silva

Doutora em Letras - Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Mestre em Letras - Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Bacharel em Letras - Tradução e Licenciada em Letras - Língua Inglesa e Língua Portuguesa pela mesma universidade. É professora de Língua Inglesa e Língua Portuguesa do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ) no curso Bacharelado em Turismo e também atua como docente na Pós-Graduação Lato Sensu em Práticas, Linguagens e Ensino na Educação Básica e no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5239-8079>

Yago Jose Eloi do Nascimento

Mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), Especialista em Cultura Africana pela Faculdade Campos Elíseos (FCE) e em Produção Cultural (Unyleya) e Licenciado em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Dedicase aos estudos de Literatura Brasileira, no campo da Literatura Infantil Afro-Negro Brasileira, relações raciais no campo da educação, cultura popular na contemporaneidade e masculinidades negras, com foco no estudo das paternidades negras.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2529-2583>

Recebido em:

29/05/2023

Aceito em:

12/09/2023

SET / DEZ 2023

ISSN 2317-9945 (ON-LINE)

ISSN 0103-6858

P. 148-162

Literatura infantil e juvenil em tradução: Esperança Garcia, por Sonia Rosa

Children's and Youth Literature in Translation: Esperança Garcia, by Sonia Rosa

Luciana de Mesquita Silva

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Yago Jose Eloi do Nascimento

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

RESUMO

No presente artigo, propomos uma discussão sobre literatura infantil e juvenil em tradução. Nesse sentido, iniciamos nossas reflexões com um olhar sobre a escrita de Sonia Rosa e seu conceito de “literatura negro afetiva para crianças e jovens”, com foco em *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta* (2012). Baseado em uma história real, o livro tem Rosa como autora e Luciana Justiniani Hess como ilustradora. Posteriormente, com base em teóricos como Lambert e Van Gorp (1985), Gideon Toury (1995) e Yuste Frías (2014), realizamos um estudo descritivo sobre a tradução dessa obra para a língua inglesa – *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter* (2015) – feita por Jane Springer e publicada pelo grupo editorial Groundwood Books/House of Anansi Press no Canadá e nos Estados Unidos. Por meio dessa análise, verificamos o quanto o livro traduzido contribui para a projeção de um olhar crítico sobre a escravidão brasileira no sistema de recepção, a partir do protagonismo de Esperança Garcia.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura infantil e juvenil. Tradução. Questões étnico-raciais. Sonia Rosa. Esperança Garcia

ABSTRACT

In this article, we propose a discussion on children's and youth literature in translation. Therefore, we begin our reflections with a look at Sonia Rosa's writing and her concept “affective black literature for children and young people”, focusing on *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta* (2012). Based on a true story, the book has Rosa as its author and Luciana

Justiniani Hess as its illustrator. Subsequently, considering theorists such as Lambert and Van Gorp (1985), Gideon Toury (1995) and Yuste Frías (2014), we carried out a descriptive study on the translation of this work into English – *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter* (2015) – produced by Jane Springer and published by Groundwood Books/House of Anansi Press in Canada and the United States. Through this analysis, we verified how much the translated book contributes to the projection of a critical look at Brazilian slavery in the reception system, based on Esperança Garcia's protagonism.

KEYWORDS:

Children's and Youth Literature. Translation. Ethnic and racial issues. Sonia Rosa. Esperança Garcia

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo fazer uma discussão sobre literatura infantil e juvenil na contemporaneidade, bem como acerca de questões de tradução, considerando-se aspectos linguísticos, culturais, editoriais e sistêmicos. Para isso, propomos uma análise do livro *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta* (2012), escrito por Sonia Rosa, com ilustrações de Luciana Justiniani Hess, lançado no Brasil pela editora Pallas, e de sua tradução para a língua inglesa, publicada no Canadá e nos Estados Unidos pelo grupo editorial Groundwood Books/House of Anansi Press em 2015.

Por meio de reflexões pautadas em estudos vinculados a relações étnico-raciais e tradução, abordaremos algumas contribuições e particularidades que a literatura infantil e juvenil apresenta, principalmente quando a narrativa é construída a partir da presença e, mais do que isso, protagonismo de personagens negros. É importante destacar que, historicamente, nem sempre tais personagens foram retratados de forma positiva na literatura infantil e juvenil brasileira e esse fato está diretamente relacionado ao legado de um país escravista que objetificava e ainda objetifica corpos negros por meio de estigmas negativos (GOFFMAN, 1980) relacionados à raça, entendida aqui como elemento sociológico (GUIMARÃES, 2003; HALL, 2003). Além disso, segundo o professor e atual Ministro dos Direitos Humanos Silvio Almeida (2019), o racismo é estrutural, ou seja, funciona como um sistema que organiza a ordem social das relações no Brasil. A raça seria, assim, um fator determinante, preponderante e fundante das instituições brasileiras nos mais variados campos: político, jurídico, educacional, cultural, econômico, religioso, entre outros. Essa relação estrutural e estruturante (GOMES, 2012), estabelecida nos períodos pré e pós-abolição da escravidão brasileira, faz com que haja, por exemplo, uma desescolarização de pessoas negras, a subalternização de seus corpos em serviços informais e lógicas editoriais de produção literária que tratam a questão racial como secundária e/ou sem valor.

Em contraposição a esse cenário, nos últimos 20 anos, principalmente após a promulgação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições públicas e privadas do ensino básico, houve um aumento significativo de publicações,

sobretudo infantis e juvenis, que contribuem para a construção de contra-narrativas em relação à negritude. Ademais, tem crescido o número de casas editoriais negras e/ou afro-brasileiras, que têm como projeto político priorizar a autoria de homens negros e mulheres negras, tornando o mercado mais diversificado e apontando para a necessidade de um aquilombamento literário, quando se trata de literatura negro-brasileira (CUTI, 2010) para adultos ou de literatura negro afetiva para crianças e jovens, como defende Sonia Rosa (2021). Diante desse cenário, no presente artigo discutimos a literatura de Sonia Rosa, especialmente o seu livro *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta* (2012) e, em seguida, propomos uma análise descritiva da tradução dessa obra para a língua inglesa, cujo título é *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter* (2015).

2. Sonia Rosa, sua literatura e Esperança Garcia

Natural do Rio de Janeiro, Sonia Rosa é professora, contadora de histórias, orientadora educacional e escritora. Sua primeira publicação foi *O menino Nito*, lançado em 1995 pela editora Memórias Futuras e relançado em 2002 pela Pallas Editora. Ao todo, Rosa tem mais de 50 títulos infantis e juvenis publicados por várias editoras nacionais, entre as quais podemos destacar *O tabuleiro da baiana* (2004), *Os tesouros de Monifa* (2009), *Palmas e vaías* (2009), *Zum Zum Zumbi* (2016) e *Dragão do mar* (2021). Alguns de seus livros foram traduzidos e publicados em outros países, tais como Canadá, Estados Unidos e França, além de a autora já ter recebido, por diversas vezes, o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) na categoria de obras “Altamente recomendáveis”. A atuação de Rosa como escritora lhe rendeu homenagens como a instituição de seu nome em diferentes salas de leitura de escolas municipais do estado do Rio de Janeiro, além de convites para a realização de palestras em grandes eventos literários do país, tais como a Bienal do Livro do Rio de Janeiro, a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) e a Festa Literária das Periferias (Flup).

Desse modo, Sonia Rosa figura como uma das autoras de maior relevância no campo da literatura infantil e juvenil no Brasil, além de contribuir para uma conceituação teórica relativa à literatura de vertente negra para crianças e jovens, a partir do artigo “Literatura negro afetiva para crianças e jovens” (2021). Em seu trabalho, Rosa busca não só colocar personagens negros como protagonistas das histórias, mas também apresentar ao pequeno e jovem leitor a cultura negra e afro-brasileira. Em suas obras, podemos encontrar uma multiplicidade de temáticas que englobam desde tradições religiosas de matriz africana e manifestações culturais afro-brasileiras até histórias de personalidades negras, como ocorre em *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta* (2012).

Com relação a esse livro, as ilustrações são de autoria de Luciana Justiniani Hees, brasileira que reside em Moçambique. Hees já ilustrou diversos livros infantis de temática africana e afro-brasileira, tais como *Os Ibejis e o carnaval* (2009), de Helena Theodoro, *Erinle, o caçador e outros contos africanos* (2008) e *O papagaio que não gostava de mentiras e outras fábulas africanas* (2008), ambos de Adilson Martins. Na obra de Rosa que estamos

analisando neste artigo, os desenhos de Hees buscam conectar o leitor com a época em que a protagonista – Esperança Garcia – viveu: o Brasil colônia do século XVIII.

Vale ressaltar que o livro foi publicado pela Pallas, uma das editoras afro-brasileiras mais tradicionais do mercado, tendo sido fundada em 1975, no Rio de Janeiro. Em 2002, a Pallas criou o selo Pallas Mini, voltado para a publicação de livros infantis e juvenis de temáticas negras. Essa é uma particularidade que faz com que a editora ganhe certa relevância no que diz respeito à literatura com personagens negros, já que há uma curadoria específica para pensar obras destinadas a crianças e jovens, levando em consideração o contexto racial brasileiro. Nesse sentido, tanto a autoria de Sonia Rosa quanto o interesse da editora Pallas em publicar uma obra sobre Esperança Garcia convergem para um aquilombamento literário, ou o que Luiz Henrique Silva de Oliveira (2018) define como quilombos editoriais:

Por quilombos editoriais proponho entender um conjunto de iniciativas no campo editorial, comprometidas com a difusão de temas especificamente ligados ao universo afrodescendente, com claro propósito de alteração das configurações do imaginário social hegemônico (OLIVEIRA, 2018, p. 157).

Esse modelo de publicação também se conecta ao termo que a própria autora cunhou – “literatura negro afetiva para crianças e jovens”. Segundo Rosa:

Há uma urgência, para nossa sociedade ainda muito racista, de que textos literários com protagonismo negro sejam compartilhados em verso e em prosa através de livros específicos com estas características e peculiaridades. Isto é, com humanidade e representatividade positiva; prestígio, destaque, valorização e respeito à dignidade da pessoa negra. [...] Ressalto que o meu entendimento quanto à expressão ‘negro afetiva’ é identificada como o sentimento de *amor* presente nas linhas e entrelinhas e/ou nas imagens dos meus livros (ROSA, 2021, p. 7).

Entendemos que tal conceito se aplica à obra em que estamos nos debruçando no presente artigo. Seu contexto está diretamente ligado a uma figura histórica brasileira – Esperança Garcia – uma mulher negra escravizada que viveu no século XVIII. Pertencia à Fazenda dos Algodões, dos padres jesuítas, situada na região do atual estado do Piauí. Quando os jesuítas foram expulsos do Brasil, Esperança Garcia foi transferida para a fazenda do capitão Antônio Vieira de Couto, sendo separada de seus membros familiares.

A história de Esperança Garcia ganhou notoriedade, pois ela escreveu uma carta, datada do dia 6 de setembro de 1770, endereçada ao governador da capitania do Piauí. Nesse texto, entre vários relatos descrevendo os maus-tratos sofridos na fazenda, há um pedido para que seus filhos fossem batizados e ela pudesse comungar.

O documento histórico é uma das primeiras cartas de direito que se tem notícia. É um símbolo de resistência e ousadia na luta por direitos no contexto do Brasil escravocrata no século XVIII – mais de cem anos antes de o Estado brasileiro reconhecê-los formalmente (INSTITUTO ESPERANÇA GARCIA, [s.d.]).

A carta foi encontrada pelo historiador Luiz Mott, em 1979, no arquivo público do Piauí. Em 1999, o dia 6 de setembro foi estabelecido como o Dia Estadual da Consciência Negra e, em 2017, a partir da Comissão da Verdade sobre a Escravidão Negra do Piauí, a OAB/PI reconheceu Esperança Garcia como a primeira advogada piauiense.

A partir de um documento, considerado o mais antigo de reivindicação de uma pessoa escravizada no Brasil, o livro de Sonia Rosa apresenta, de certa forma, para o público infanto-juvenil, uma das figuras históricas mais importantes do país. A narrativa tem início com o uso da primeira pessoa, como se fosse a própria Esperança Garcia descrevendo a realidade em que vivia:

Meu nome é Esperança Garcia. Todo mundo tem uma história e eu também tenho a minha. Sou uma escrava casada e com filhos. Morava com a minha família na Fazenda dos Algodões. Meus senhores eram padres jesuítas. Depois que todos os padres tiveram que voltar correndo para a Europa, minha vida piorou muito... (ROSA, 2012, n.p.).

Ao longo de todo o enredo, percebemos que a autora cria uma realidade ficcional, com base na carta, a partir de uma abordagem lúdica, visando atrair o leitor e conquistá-lo. Diante disso, cabe atentarmos para o fato de que o livro se destina a um público infantil que tenha seu processo de leitura completamente desenvolvido ou, ao menos, em desenvolvimento. Também pode ser uma obra mediada por um adulto leitor para uma criança que ainda não domine a leitura – o que é uma particularidade da literatura infantil, a chamada leitura compartilhada. Nesse segundo caso, a ilustração – texto-imagem – tem extrema importância na construção de sentidos e na formação e compreensão da história. Podemos afirmar que *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta* se enquadra na categoria de livro ilustrado, ou seja, aquele que contém texto-escrito e texto-imagem. Desse modo, a ilustração tem um papel significativo na narrativa, pois ela também conta uma história e serve como um complemento do texto-escrito, permitindo tanto para o leitor quanto para o mediador certa liberdade de interpretação a partir do que é apresentado nas imagens do livro.

Em muitos trechos da obra, podemos perceber que a autora trata, cuidadosamente, de um relato que é carregado de dor, mas, ao mesmo tempo, de resistência política, pois, naquele período, poucos eram os negros que sabiam ler e escrever. Além disso, acreditamos que Esperança Garcia, com sua carta, quebra o “silenciamento imposto” (KILOMBA, 2019, p. 27) quando conta sua própria narrativa, colocando-se como protagonista e sujeito histórico, já naquela época. A realidade de Esperança Garcia é definida por ela mesma, pois ela é quem fala por si (KILOMBA, 2019).

Sonia Rosa, portanto, demonstra esse olhar afetuoso quando, na sua narrativa, majoritariamente em primeira pessoa, expressa os desejos de Esperança Garcia como mulher negra e mãe em uma condição de escravização desumana. Trechos como “Eu, Esperança Garcia, mulher, mãe e escrava, resolvi escrever uma carta ao governador para falar do meu sofrimento, da minha indignação e do meu desejo de mudanças” (ROSA, 2012, n.p.), ou ainda, “Nesta carta conto tudo, tudinho, para o governador. Só ele poderá dar uma solução para o meu problema e juntar de novo a minha famí-

lia” (ROSA, 2012, n.p.) confirmam que a autora, a partir de seu lugar como mulher, negra, brasileira e escritora, traz sentimentos de humanidade para a personagem, com base no relato documental da escravizada Esperança Garcia.

Essa proposta de fazer com que o indivíduo negro seja retratado com vontade própria, dores, aspirações e sonhos, contrapõe-se, de certa forma, a todas as narrativas racistas que subalternizavam o negro, tanto no período da escravidão quanto no pós-abolição. Tal posicionamento político comprometido com a humanização de pessoas negras na literatura, sobretudo na vertente infantil e juvenil, tem suas especificidades quando há representatividade positiva. Para Sonia Rosa:

A narrativa deverá descrever com respeito os personagens negros, mesmo os vilões e aqueles que não estejam em protagonismo. As descrições referentes às características físicas (fenótipo) e psicológicas dos personagens deverão ser apresentadas buscando exaltar a beleza e a potência dos mesmos, sem desmerecê-los ou humilhá-los (ROSA, 2021, p. 15).

Diante desse cenário, o conceito de literatura negro afetiva para crianças e jovens (ROSA, 2021) propõe um compromisso ético com a infância, em especial a infância negra, já que é no início da vida humana que aprendemos valores sobre o que é certo e errado. Esse comprometimento precisa estar alinhado no texto verbal, nas ilustrações e nas políticas editoriais de publicação de um livro infantil para que possamos enxergar esse segmento literário como uma importante ferramenta de educação antirracista. Pautados nessas reflexões, na seção seguinte, iremos verificar de que modo se constitui a tradução de *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta* para o inglês, considerando elementos paratextuais, macrotextuais, microtextuais, sistêmicos, entre outros.

3. Uma análise descritiva de *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter*

A tradução vai além de uma simples transposição de elementos verbais de uma língua para outra, abrangendo uma multiplicidade de fatores. Nesse processo, ideias normativas frequentemente reiteradas pelo senso comum, tais como as de equivalência ou reprodução de sentidos, de fidelidade ao texto-fonte e de uma suposta qualidade tradutória, devem ser desconsideradas (NOUSS, 2012). Segundo Susan Bassnett e André Lefevere (1990), a tradução é uma forma de reescrita, e “[...] como todas as (re)escritas nunca é inocente. Há sempre um contexto em que a tradução ocorre, sempre uma história da qual um texto emerge e para a qual um texto é transposto”¹ (BASSNETT; LEFEVERE, 1990, p. 11, tradução nossa). Trata-se, portanto, de um trabalho de (re)criação de um texto em um novo polo literário, cultural e social.

1 Do original: “[...] like all (re)writings [translation] is never innocent. There is always a context in which the translation takes place, always a history from which a text emerges and to which a text is transposed.”

Além disso, conforme aponta Gideon Toury (1995), a tradução é um fenômeno que visa a atender a demandas ou preencher lacunas relativas a uma cultura receptora específica, a qual irá determinar a escolha dos textos a serem traduzidos e a função que eles irão exercer em dado contexto. Sendo assim, algumas características do texto-fonte serão reproduzidas na tradução não porque são consideradas intrinsecamente importantes, mas sim por terem uma relevância para o sistema-alvo. Nesse movimento entre línguas e culturas, marcado por diferentes procedimentos de manipulação de textualidades, atua um conjunto de mecanismos de poder que terão um papel fundamental no modo como os produtos finais da tradução serão construídos.

No que diz respeito a uma análise descritiva de traduções, dialogamos com os teóricos José Lambert e Hendrik Van Gorp (1985), segundo os quais “a comparação entre T1 [texto-fonte] e T2 [texto traduzido] é, portanto, uma parte relevante dos Estudos da Tradução – contanto que ela não obscureça uma perspectiva mais ampla”² (LAMBERT, 1985, p. 47, tradução nossa). Nesse sentido, Lambert e Van Gorp propõem uma metodologia para a descrição de traduções, dividida em quatro etapas: dados preliminares, nível macrotextual, nível microtextual e contexto sistêmico. Primeiramente, observam-se elementos como paratextos e estrutura geral da tradução. Em segundo lugar, são investigados aspectos como a divisão do texto, os títulos dos capítulos e a estrutura narrativa interna. Na sequência, verifica-se o micronível, ou seja, a seleção de palavras e as mudanças fônicas, sintáticas e estilísticas. Posteriormente, considera-se um contexto mais amplo sobre a tradução, examinando-se relações entre textos e entre sistemas literários.

Com o objetivo de expandir essa abordagem proposta por Lambert e Van Gorp (1985), trazemos o conceito de paratradução, criado pelo Grupo de Investigação Tradução & Paratradução (T&P), da Universidade de Vigo, na Espanha, com base na noção de paratexto, de Gérard Genette. De acordo com Genette (2009), no campo editorial, um texto não se apresenta em seu estado original. Para que garanta sua existência, os paratextos – sejam eles peritextos ou epitextos – o acompanham e o transformam em um livro a ser apresentado ao público. O peritexto se situa “em torno do texto, no espaço do mesmo volume, como o título ou o prefácio, e, às vezes, inserido nos interstícios do texto, como os títulos de capítulo ou certas notas” (GENETTE, 2009, p. 12) e o epitexto, por sua vez, localiza-se “na parte externa do livro: em geral num suporte midiático (conversas, entrevistas), ou sob a forma de uma comunicação privada (correspondências, diários íntimos e outros)” (GENETTE, 2009, p. 12). O autor também ressalta que ilustrações, escolhas tipográficas, dados factuais, entre outros aspectos, representam valor paratextual e são dotados de uma capacidade coercitiva na constituição da obra como um todo.

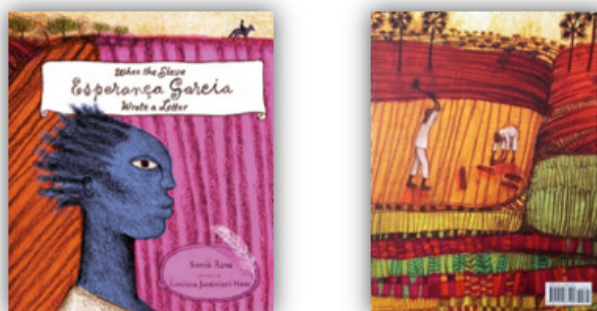
Partindo desse pensamento, a paratradução se propõe como um “estudo detalhado das entidades iconotextuais, a análise minuciosa das pro-

duções verbais, icônicas e verbo-icônicas que acompanham, cercam, envolvem, introduzem e apresentam o texto de um trabalho de tradução” (YUSTE FRÍAS, 2014, p. 25). Nessa perspectiva, os tradutores e, no caso da literatura infantil e juvenil, os ilustradores, além dos editores, são considerados agentes paratradutores, visto que atuam diretamente nas decisões sobre a composição e a recepção de uma obra traduzida em um determinado sistema literário. Quanto à tradução de literatura dedicada a crianças e jovens, José Yuste Frías (2014) enfatiza que os paratextos têm mais importância do que o texto em si e, por esse motivo, o tradutor deve estar consciente da relação inerente entre elementos verbais e imagéticos. O autor destaca, também, que a realização de pesquisas com foco em paratraduções de livros infantis e juvenis está longe de ser algo sem valor:

Pelo contrário, ao se editar traduções para crianças e jovens, decidir o que se traduz, quem traduz, para quem, como, quando, onde, por quê, para quê e com que meios, é uma operação muito delicada na qual uma sociedade se responsabiliza por desenvolver, ou não, novos leitores no futuro (YUSTE FRÍAS, 2014, p. 15).

Diante das considerações apresentadas, faremos uma análise descritiva de *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter* (2015). A tradução para a língua inglesa foi feita por Jane Springer e publicada pelo grupo editorial Groundwood Books/House of Anansi Press, no Canadá e nos Estados Unidos. Começando com alguns dados preliminares, vejamos como se configurar

Figura 1: Capa e quarta capa

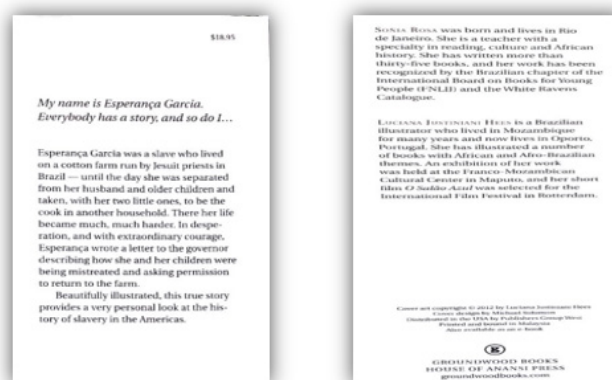


Fonte: *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter* (2015).

Em ambos os paratextos, mantiveram-se as imagens que se encontram na obra-fonte. Na capa, estão presentes os nomes da autora Sonia Rosa e da ilustradora Luciana Justiniani Hees. Na quarta capa, em comparação à publicação brasileira, houve o apagamento de um pequeno texto de apresentação sobre Esperança Garcia e a história escrita por Rosa. A ilustração aparece na íntegra, o que aponta para uma maior visibilidade do trabalho de Hees, sobreposta pelo ISBN e pelo código de barras, situados na borda direita do livro.

When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter é envolto por uma jacket (sobrecapa), que reproduz os elementos da capa e da quarta capa, com

Figura 2: Orelhas



Fonte: *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter* (2015).

Na primeira orelha, há uma frase que se encontra no início da narrativa – “My name is Esperança Garcia. Everybody has a history, and so do I...” – em que a personagem principal se apresenta ao leitor, em primeira pessoa. No texto subsequente, há uma breve contextualização sobre a protagonista e a obra como um todo. Nele, destacamos alguns pontos: “Beautifully illustrated”, o que lança luz sobre a beleza e a relevância do trabalho da ilustradora; “true story”, especificando que o enredo é baseado em uma história real; “a very personal look at the history of slavery in the Americas”, que revela um olhar muito pessoal, de uma mulher escravizada no Brasil, sobre o histórico escravista do continente americano. Quanto à segunda orelha, além de dados editoriais e relativos a direitos autorais, há textos de apresentação sobre Sonia Rosa e sobre Luciana Justiniani Hees. Tais textos repetem-se no final do livro, seguindo, de forma geral, o que está presente na obra-fonte. Nesse caso, destacamos que, em *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter*, houve a manutenção de informações sobre Rosa como o fato de ela trabalhar com questões africanas, ter uma longa trajetória como escritora e ser reconhecida não só no Brasil – por meio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – como também em outros países, visto que o White Ravens é um catálogo publicado anualmente pela International Youth Library como uma lista de recomendações de obras da literatura infantil e juvenil.

Ainda tratando de paratextos e da estrutura geral da tradução, na abertura do livro, na parte que contém elementos catalográficos, encontra-se esta nota: “A linguagem na carta de Esperança Garcia foi adaptada para leitores contemporâneos”³ (ROSA, 2015, n.p., tradução nossa). Tal informação também está presente na obra-fonte, mas em outro lugar: na página em que aparece um trecho da carta em questão. Evidencia-se, portanto, nos dois livros, a recriação e a atualização da linguagem de Esperança Garcia pela autora Sonia Rosa, a ser (re)apresentada na obra traduzida. Nos elementos

3 Do original: “The language in Esperança Garcia’s letter has been adapted for contemporary readers.”

pré-textuais de *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter*, também há uma mensagem de agradecimento ao governo canadense pelo apoio financeiro para o programa de publicação do grupo editorial Groundwood Books/House of Anansi Press. Na página seguinte, após o título da obra e os nomes da escritora e da ilustradora, está presente o nome da tradutora.

Quanto ao nível macrotextual, no cotejo entre texto traduzido e texto-fonte, a construção da narrativa, a presença e a posição das ilustrações e dos elementos verbais, a ausência de números de página, assim como a tipologia, a cor e o tamanho da fonte foram mantidos, de maneira geral. Acerca dos elementos microtextuais, em relação à pontuação, às reticências frequentemente utilizadas por Sonia Rosa, as quais podem ter a ver com uma tentativa de aproximação da oralidade no português brasileiro, foram na maior parte das vezes substituídas por pontos finais ou travessões. Em alguns trechos, existem inversões na posição de frases. Elencamos, abaixo, alguns exemplos representativos:

Tabela 1: Elementos microtextuais

Trecho	Texto traduzido	Texto-fonte
1	“Esperança Garcia is famous in the Brazilian state of Piauí, and I would like her to be celebrated all over Brazil and the rest of the world” (ROSA, 2015, n.p.).	“Esperança Garcia é um nome vivo entre os piauienses e desejo muito que se torne um nome vivo pelo Brasil todo” (ROSA, 2012, n.p.).
2	“I used to live with my family in Fazenda dos Algodões – a cotton farm” (ROSA, 2015, n.p.).	“Morava com a minha família na Fazenda dos Algodões” (ROSA, 2012, n.p.).
3	“The priests taught me their religion and so all my children have been baptized, except for the youngest one. [...] I still need to baptize my daughter” (ROSA, 2015, n.p.).	“Os padres me ensinaram a religião deles e por isso batizei quase todos os meus filhos. Menos os meus pequeninos, que estão aqui comigo. [...] e ainda preciso batizar estes meus meninos” (ROSA, 2012, n.p.).
4	“[...] because true to her name, she never gave up hope. and Esperança Garcia entered history [...]” (ROSA, 2015, n.p.).	“Porque uma Esperança de verdade nunca desiste de esperar. E assim, nessa incansável espera, Esperança Garcia entra para a História [...]” (ROSA, 2012, n.p.).

Fonte: Elaboração própria.

No trecho 1 do texto traduzido, foi adicionada a informação de que o Piauí é um estado do Brasil e explicitado o desejo de que Esperança Garcia seja celebrada no mundo inteiro. Já no trecho 2, foi mantido o nome da Fazenda dos Algodões, mas acompanhado do seu significado em inglês. Tais acréscimos se relacionam com uma nova contextualização, em nível internacional, que a obra de Sonia Rosa passa a adquirir a partir da tradução. No que se refere ao trecho 3, houve uma mudança relativa ao número e ao gênero dos filhos de Esperança Garcia que ainda não tinham sido batizados. Diferentemente do que ocorre na narrativa em português – “meus pequeninos”/ “meus meninos” – na tradução, constam estes termos: “the youngest one” (“a mais nova”, em português) e “my daughter” (“minha filha”, em português). Em relação ao trecho 4, na tradução não se apresenta a repetição de sons e o jogo de palavras criados em português a partir dos vocábulos “Esperança” / “esperar” / “espera” / “Esperança”.

Ampliando nossa análise sobre *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter*, a tradutora Jane Springer vive em Toronto, no Canadá, e já morou em países como Moçambique e Índia. Além de ser autora de livros como

Listen to Us: The World's Working Children (1997) e *Genocide* (2006), ela tem traduzido obras escritas originalmente em português do Brasil, tais como *Nest Egg* (1992), de Bartolomeu Campos de Queirós, *Amazonia: Indigenous Tales from Brazil* (2013), de Daniel Munduruku, e *Until the Day Arrives* (2014), de Ana Maria Machado, as quais são vinculadas ao campo de literatura infantil e juvenil. No que concerne ao grupo editorial Groundwood Books/House of Anansi Press, comentaremos alguns dados encontrados no site House of Anansi. A Groundwood Books foi fundada em 1978 por Patricia Aldana com o propósito de lançar livros infantis, de alta qualidade, para todas as idades. Mesmo que seu foco principal seja em produções de autores canadenses, ela tem publicado literatura de outros países:

Muitos de nossos livros contam histórias de pessoas cujas vozes foram subrepresentadas ou marginalizadas pelos canais de publicação tradicionais. Os livros dos povos indígenas deste hemisfério sempre foram de especial interesse e, desde 1998, publicamos obras de autores e ilustradores latinxs em inglês e espanhol⁴ (ABOUT GROUNDWOOD BOOKS, [s.d.], tradução nossa).

A House of Anansi Press, cujo nome foi inspirado na divindade-aranha Kwaku Anansi, da África Ocidental, iniciou sua trajetória no mercado editorial em 1967. Os escritores Dennis Lee and David Godfrey a fundaram com o objetivo de publicar obras de autores canadenses e, atualmente, tendo Scott Griffin como proprietário, ela se tornou a maior editora independente do Canadá. A House of Anansi Press tem lançado livros que refletem mudanças que vêm ocorrendo no mundo, pautando-se nos seguintes preceitos:

Anansi continua a publicar poesia, ficção, não ficção, drama, escritores franco-canadenses em tradução, estilo de vida e autores de todo o mundo. Temos orgulho em encontrar e desenvolver talentos, publicar escritores indígenas, negros e outros escritores merecedores e estimular a imaginação com Livros Muito Bons (ABOUT HOUSE OF ANANSI PRESS, [s.d.], tradução nossa)⁵.

É interessante pontuar que, nos textos sobre ambas as editoras, há uma mensagem de agradecimento ao governo do Canadá e a outras entidades canadenses pelo apoio financeiro ao seu programa de publicação. Conforme mencionado anteriormente, essa informação é reiterada nos elementos pré-textuais de *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter*.

Com relação aos paratextos (epitextos) sobre a obra em questão, presentes no site do grupo editorial, há imagens da capa e de duas partes do interior do livro. Logo após o título, aparecem os nomes da autora, da ilus-

4 Do original: "Many of our books tell the stories of people whose voices have been underrepresented or marginalized by traditional publishing channels. Books by the Indigenous Peoples of this hemisphere have always been of special interest, and since 1998, we have been publishing works by Latinx authors and illustrators in both English and Spanish."

5 Do original: "Anansi continues to publish poetry, fiction, nonfiction, drama, French-Canadian writers in translation, lifestyle, and authors from around the world. We take pride in finding and developing talent, publishing Indigenous, Black, and other deserving writers, and firing up the imagination with Very Good Books."

tradadora e da tradutora, o que demonstra uma preocupação por parte das editoras de tornar visível o trabalho de Jane Springer. O livro, vendido pelo valor de \$18.95, é descrito como “hardcover jacket” (de capa dura, com sobrecapa, em português). Há um pequeno texto de apresentação da obra em que Esperança Garcia é descrita como uma mulher escravizada corajosa que escreveu a primeira carta-petição no Brasil afro-brasileiro. Também são reproduzidos os textos (sobre a autora e a ilustradora) que se encontram nas orelhas da obra. Outro dado importante, presente em uma aba voltada para educadores, é o público leitor ao qual *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter* se destina: crianças de 8 a 11 anos. Por fim, na seção de avaliações sobre o livro, há cinco comentários por parte da crítica literária, entre os quais, selecionamos:

(1) “Este importante exemplo de coragem humana expandirá o conhecimento dos leitores sobre a escravidão, ao mesmo tempo em que fornece um exemplo claro de resistência à opressão.” – School Library Journal (PRODUCT..., [s.d], tradução nossa).

(2) “A tristeza universal da história do escravo, juntamente com a arte folclórica cativante de Hees, que apresenta Esperança como um perfil robusto e digno, com um olhar amplo no futuro, atrairá o público.” – The Bulletin of the Center for Children’s Books (PRODUCT..., [s.d], tradução nossa).

Na primeira resenha, feita por uma revista estadunidense voltada para bibliotecários que trabalham com crianças e adolescentes, ressalta-se a postura ativa e subversiva de Esperança Garcia no contexto da escravidão. O segundo comentário, de um periódico acadêmico dos Estados Unidos, com foco na divulgação de resenhas sobre literatura infantil e juvenil contemporânea, reitera essa visão sobre a protagonista e destaca o trabalho artístico da ilustradora.

Considerando-se que “a tradução é responsável, em grande parte, pela imagem de uma obra, um autor, uma cultura”⁶ (LEFEVERE, 1990, p. 27, tradução nossa), a publicação de *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter* no Canadá e nos Estados Unidos aponta para uma imagem de Sonia Rosa como uma importante escritora brasileira do campo de literatura infantil e juvenil. Ademais, seu trabalho com elementos da cultura afro-brasileira, em conjunto com as ilustrações de Luciana Justiniani Hess, ganha projeção internacional e contribui para uma visão sobre a história da escravidão no Brasil por uma perspectiva de resistência dos oprimidos. Outro fator que nos chama a atenção é o propósito do grupo editorial Greenwood Books/House of Anansi Press em divulgar vozes subrepresentadas, de diferentes lugares do mundo. Tendo em vista os contextos sistêmicos, a tradução foi feita do português brasileiro para o inglês, uma língua que historicamente é marcada por uma hegemonia em nível mundial, e a obra foi lançada após três anos da publicação do livro-fonte no Brasil. Por meio da abertura de espaço para a obra de Sonia Rosa, o sistema-alvo colabora para que, cada vez mais, escritas insurgentes provenientes do hemisfério sul transitem para o norte global, e não somente se priorize o movimento contrário.

6 Do original: “Translation is responsible to a large extent for the image of a work, a writer, a culture.”

4. Considerações finais

Neste artigo, procuramos analisar aspectos relativos à especificidade da literatura infantil e juvenil, em contextos contemporâneos de tradução, a partir da obra *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta* (2012), de Sonia Rosa. A publicação de *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter* no Canadá e nos Estados Unidos, feita pelo grupo editorial Groundwood Books/House of Anansi Press, em 2015, chamou nossa atenção para examinar uma obra, em língua inglesa, cujo enredo é baseado em um documento histórico do século XVIII, de autoria de uma mulher escravizada, considerado uma das primeiras petições jurídicas do Brasil.

Ao longo da discussão, enfatizamos a importância da produção de uma literatura com personagens negros, em um país como o Brasil, que tem um passado histórico escravista. Ao avançarmos para o século XXI, notadamente após a aprovação da Lei 10.639/03, verificamos que o lançamento de livros infantis e juvenis aumentou significativamente e que, a partir desse momento, novas pesquisas passaram a ser produzidas a fim de pensar os efeitos desse conjunto de produções literárias nos mais variados campos da sociedade brasileira. Acreditamos, desse modo, que o livro infantil e juvenil com personagens negros contribui para promover uma educação antirracista ao apresentar o sujeito negro, no universo ficcional, de forma humanizada.

Sendo assim, a obra de Sonia Rosa contempla a relevância de se trazer negros e negras para o papel de protagonistas nas narrativas. Em seu livro *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta* (2012), pudemos perceber que há uma preocupação em representar de modo positivo a história de uma mulher negra, mãe e escravizada. Esse cuidado na elaboração do texto e das ilustrações na literatura infantil e juvenil com personagens negros, que ganha projeção em *When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter* (2015), reflete o que a própria autora denomina de literatura negro afetiva para crianças e jovens.

Desse modo, a publicação da obra tanto no sistema literário brasileiro quanto nos contextos de tradução canadense e estadunidense revela a importância da promoção de histórias sobre os negros brasileiros na literatura a partir de uma lógica que se compromete com a valorização de suas subjetividades. Na medida em que essa produção literária se dirige a crianças e jovens, seja no Brasil, seja em outros países, por meio da tradução, passa a ser de fundamental relevância verificar se as publicações estão submetidas apenas a questões mercadológicas ou se há algum comprometimento ético nas formas como vozes que foram subalternizadas historicamente são representadas nos textos e nas ilustrações que compõem o produto “livro”.

Referências

ABOUT GROUNDWOOD BOOKS. Disponível em: https://houseofanansi.com/pages/about-groundwood?_gl=1*13pg9u5*_up*MQ..*_ga*ODI2NT-Q4MTIwLjE2NzQ4NjE5Mjk.*_ga_JTJTGRFPN4*MTY3NDg2MTkyOC4xL-jAuMTY3NDg2MTkyOC4wLjAuMA.. Acesso em: 27 mai. 2023.

ABOUT HOUSE OF ANANSI PRESS. Disponível em: https://houseofanansi.com/pages/about?_gl=1*19t0pg6*_up*MQ..*_ga*ODI2NTQ4MTIwLjE2NzQ4NjE5Mjk.*_ga_JTJTGRFPN4*MTY3NDg2Njc4My4yLjAuMTY3NDg2Njc4My4wLjAuMA.. Acesso em: 27 mai. 2023.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. Introduction: Proust's Grandmother and the Thousand and One Nights: The "Cultural Turn" in Translation Studies. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. (Org.). **Translation, History and Culture**. London: Pinter Publishers, 1990. p. 1-13.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

INSTITUTO ESPERANÇA GARCIA. Disponível em: <https://esperancagarcia.org/>. Acesso em: 27 jan. 2023.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: significando e politizando a raça. **Educação e Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul./set. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000300005>. Acesso em: 26 mai. 2023.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 93-108, jun. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100008>. Acesso em: 26 mai. 2023.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília, DF: Unesco no Brasil, 2003.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. On Describing Translations. In: HERMANS, Theo (org.). **The Manipulation of Literature**. London: Croom Helm, 1985. p. 42-53.

LEFEVERE, André. Translation: Its Genealogy in the West. In: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André (orgs.). **Translation, History and Culture**. London: Pinter Publishers, 1990. p. 14-28.

NOUSS, Alexis. A tradução: no limiar. **Alea**, v. 14, n. 1, p. 13-34, jun. 2012.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2012000100002>. Acesso em: 15 mai. 2023.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Os quilombos editoriais como iniciativas independentes. **Aletria**, v. 28, n. 4, p. 155-170, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18829/15794>. Acesso em: 27 mai. 2023.

PRODUCT When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter. Disponível em: https://houseofanansi.com/products/when-the-slave-esperana-garcia-wrote-a-letter?_pos=1&_sid=106f1f454&_ss=r. Acesso em: 27 mai. 2023.

ROSA, Sonia. Literatura infantil negro afetiva para crianças e jovens. **África e Africanidades**. v. 14, n. 39, p. 6-22, ago. 2021. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/dossiearteeliteratura2021.pdf#page=1>. Acesso em: 26 mai. 2023.

ROSA, Sonia. **Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

ROSA, Sonia. **When the Slave Esperança Garcia Wrote a Letter**. Trad. Jane Springer. Toronto: Groundwood Books/House of Anansi Press, 2015.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

YUSTEFRÍAS, José. Paratextualidade e tradução: a paratradução da literatura infantil e juvenil. Tradução: Gisele Tyba Mayrink Orgado. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 34, p. 9-60, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v2n34p9/28190>. Acesso em: 24 mai. 2023.